

## ENTREVISTA COM O PROFESSOR PEDRO VASCONCELOS

**SITUAÇÃO GEOGRÁFICA<sup>1</sup>:** Professor, nós gostaríamos de saber dos seus primeiros anos, onde o senhor nasceu, sua infância, falar um pouco sobre sua família.

**PEDRO VASCONCELOS:** No século passado? (risos) Sou de 1947, já faz 70 anos, nasci em Recife, mas fui morar em Olinda. Minha infância lembra um pouquinho Salvador, uma cidade histórica que se manteve um pouco congelada. Meu pai teve várias atividades, a última que passou mais tempo, ele era almoxarife de um fábrica têxtil de Recife, na época que Recife ainda tinha muitas indústrias. Antes, fez de tudo um pouco, foi caixeiro-viajante, acho que até programa de rádio fez a noite para dar conta de seis filhos. E minha mãe era professora de escola municipal, ela foi diretora de escola. Sou o quinto filho de seis. Esse passado aí que me dá muita saudade, quando volto em Olinda, ao contrário de Salvador, vejo uma cidade que foi preservada, no conteúdo as casas mudaram, mas os prédios estão lá, dá para relembrar de tudo.

**SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Certo, e a sua formação nesses primeiros anos?

**PEDRO VASCONCELOS:** Como Olinda é cidade de praia, meu pai não queria que a gente se tornasse malandro (risos), uma vez a gente chegou da praia seis horas da noite, o que ele fez? Colocou a gente para trabalhar cedo. Então eu fui trabalhar com 14 anos no *City Bank* de *office boy* e em função disso tive que estudar a noite, fiz o Colégio Pernambucano, que é o equivalente ao Colégio Central de Salvador. Naquela época era muito bom, os professores usavam gravata, havia muita disciplina, professores de alto nível. Tinha a disciplina de Filosofia, optei por clássico, mas como eu gostava de Geografia desde criança, fiz o vestibular de Geografia para a Universidade Católica, noturno, mas gostaria de ter feito na [Universidade] Federal, achávamos que a noite o pessoal chegava mais cansado, então o curso era mais leve, era a impressão que tínhamos. Mas foi uma boa decisão, quem coordenava o curso era Manuel Correa de Andrade, que é uma referência em Pernambuco, no Nordeste e um pouco no Brasil. Se eu tivesse continuado em Pernambuco talvez eu tivesse feito Geografia Agrária por causa dele, mas a vida mudou, e então ele reconheceu

---

<sup>1</sup> Participaram dessa entrevista, os discentes Gustavo Costa Mota e Mariana Loyola Santos.

que eu tinha potencial, era o segundo aluno da turma. O melhor era um professor militar de 40 anos (risos), imagina! Não podia competir com ele. Mas ele me incentivou a estudar francês, pedir bolsa para o exterior e mesmo quando me formei em 66/69, me chamou para dar aula com ele. Digamos: ele dava na segunda-feira e eu dava na quarta-feira. Mas eu detestei (risos), porque ele era aquele homem enorme que tinha moral e eu não, era um menino, os alunos não me respeitavam. Aula a noite, em Economia e Geografia econômica, imagina? E então eu fugi do ensino. Para mim era uma aflição ter que me impor. Tinha aluno que queria ler jornal na minha frente, imagine! Só durou 6 meses. Eu tinha pedido bolsa para Bélgica e para França, a França não me respondeu e a Bélgica respondeu positivo, talvez porque vim da Universidade Católica de Pernambuco. Fui para Bélgica e escapei do ensino. Quando cheguei lá, percebi que a Geografia era parecida com a que eu tinha feito aqui, então aproveitei para mudar, era um ano que eu iria passar na Bélgica, aí eles fizeram quatro opções e eu escolhi urbanismo, foi uma escolha que culminou no mestrado, desviou um pouco da Geografia, mas por outro lado ganhei a pós-graduação, fiquei mais tempo, foi bom para [aprender] o francês e ainda me casei na Bélgica. A vida é assim, são esses pequenos elos como estudante que muda tudo. O que podia ter sido [Geografia] rural em Pernambuco, cana-de-açúcar, SUDENE e tudo mais, transformou-se em Geografia urbana. Na Bélgica o que achei mais próximo foi o urbanismo e planejamento regional, o planejamento do território.

**SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Então, nos seus primeiros anos no ensino secundário, a Geografia já chamava sua atenção, como é que a Geografia apareceu para o senhor?

**PEDRO VASCONCELOS:** Acho que sou muito curioso, naquela época, vocês imaginem, não tinha televisão colorida, a gente assistia nos cinemas documentários mostrando as notícias da Europa, era novidade e queríamos saber sobre o mundo. Sem internet, sem nada, era uma desinformação. Eu comprava Almanaque para ler. Para vocês terem uma ideia da minha curiosidade, uma tia percebeu e me deu um Atlas, só que o Atlas era antigo, eu o atualizava. Era um Atlas da Europa da primeira Guerra Mundial, e então eu adicionei a Áustria, Hungria. Essa atualização mostrava o interesse que eu tinha, mas esse interesse pela Geografia era de curiosidade, de saber as capitais. Eu cheguei a ser chamado por um programa de televisão para responder as capitais, foi uma situação bem engraçada.

**SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Com a pós-graduação fora do Brasil, houve um choque muito grande?

**PEDRO VASCONCELOS:** Tive. Eu acho que a gente deveria se preparar antes de viajar, a gente vai para fora sem saber nenhuma regra. Eu falava alto, usava roupa que não combinava com nada, porque lá no inverno a roupa é escura para não sujar e eu chegava brilhando pela rua, com uma [camisa] verde cana, cenoura (risos), aquelas roupas do período *hippie*, calça pantalone, pata de elefante. Pouco a pouco fui desconfiando que alguma coisa estava errada, falava alto e as pessoas se viravam, eu os catucavam com o dedo, sabe? Lá em um consultório [médico] todo mundo falava baixo, aqui a gente ouve tudo, sabe da doença de todo mundo. Mas a gente pode se aculturar, veja que até hoje só gosto de roupa escura, só uso azul marinho. Fiz o contrário, acho que me aculturei.

**SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Mas com relação a experiência de amadurecer as ideias, o senhor acha que a pós-graduação fora do Brasil foi um novo ar?

**PEDRO VASCONCELOS:** Foi bom porque me abriu para o mundo, a aprendizagem de outra língua amplia, ajuda a você absorver outra cultura, outro modo de raciocinar, imaginar. O contato com a cultura francesa, a literatura, o jornal *Le Monde*, televisão, tudo abre. Além do curso, a possibilidade de morar no exterior é muito rica, agora eu não achei que aprendi muito no mestrado, sabe? Aprendi mesmo foi no Doutorado, porque isso depende de orientação, se você tem um bom orientador. Meu orientador não entendia de Brasil e morava em outra cidade, então foi no doutorado que aprendi a estudar, já dez anos depois. Então a experiência de morar fora é formidável, na Bélgica eu viajava para os países vizinhos, fui até a Europa de Leste, Argélia etc., todas as férias eu aproveitava para viajar, então a gente aprende muito. Mas, eu não sabia nem pesquisar em biblioteca.

**SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Então no seu mestrado o senhor ainda não sabia pesquisar?

**PEDRO VASCONCELOS:** Não, porque eu ficava perdido. Você imagina eu sozinho com um orientador distante? Nós aqui somos muito paternalistas, só faltamos escrever para o aluno, mas lá não, sabe? Tinha aula com 300 pessoas de microfone, Sociologia urbana, você está lá perdido, faz as provas e algum assistente corrige. Ninguém faz pergunta para o professor. Lá não faz vestibular,

então é o primeiro ano que elimina a massa. É outro mundo. Precisei me afastar dos brasileiros para aprender francês, havia 100 brasileiros, mas eu precisava me afastar para abrir a porta para a cultura francesa, para a língua francesa. A biblioteca era muito boa, mas eu não sabia utilizar, depois descobri que havia livros muito bons. O professor precisa orientar, guiar o estudante e dizer: “Esse livro é fundamental, leia esse e esse...” mas meu orientador não era nem da minha área! Ele era especialista do Congo. Nada a ver o Congo com o Brasil! Hoje em dia, com a internet, talvez seja mais fácil pesquisar, mas eu tive muita dificuldade sem os direcionamentos do orientador.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Como o senhor fez para mediar essa situação?

**PEDRO VASCONCELOS:** Eu fiz o que pude. Eu podia ter feito melhor, se soubesse. Fiz a dissertação do mestrado sobre Salvador, sobre os preços dos terrenos, e vim para Salvador levantar dados, o pessoal daqui me ajudou. Eu tinha ido para Recife, mas não consegui nada. Meu cunhado que é daqui, disse para eu vir para a Bahia que eu teria ajuda, então comecei na CONDER [Companhia de Desenvolvimento Urbano da Bahia], Região metropolitana e já fiz uma ligação com o urbanismo.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Em relação a aprender o idioma francês, o senhor teve alguma dificuldade?

**PEDRO VASCONCELOS:** Naquela época só tinha discos, comprei discos de francês e quando saiu a notícia que fui aprovado, fiz um reforço na Aliança Francesa, mas quando cheguei lá assistia um filme e não entendia nada. A gente tem que abrir bastante as orelhas e ainda mais que eles falam com gírias. Uma coisa é você ler “a rua tal, o menino vai para à escola”, é mais fácil, mas gíria de jovem... Gíria de bairro popular... Eu não entendia nada! Mas lá você está em imersão total, de manhã até a noite você escuta a língua, você vê, lê, ouve a língua e pouco a pouco vai aprendendo, ainda mais se afastando dos brasileiros. Hoje eu falo perfeitamente, mas tenho um sotaque carregado, que é da cultura da gente, não é? Quando escuto gravação minha em francês, penso que é meu irmão, bem nordestino (risos), o *nordestinês* vem com força!

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** E diante dessa experiência que teve no exterior, como o senhor enxerga a pós-graduação aqui e a pós-graduação lá?

**PEDRO VASCONCELOS:** A grande diferença foi a segunda experiência, nos anos 70 eu fiz mestrado na Bélgica de Urbanismo e nos anos 80 eu fiz doutorado no Canadá. No Canadá eu fui bem orientado, o professor toda semana exigia a entrega de um texto, e eu entregava achando que estava ótimo, voltava todo riscado de vermelho. Isso mostra que a gente pode fazer mais do que acha que pode, o rigor e a exigência é bom para gente, senão a gente se acomoda, e acha que aquilo está bom. Então o orientador foi até o final e minha tese foi bastante elogiada. No Canadá todas as etapas são eliminatórias, é uma diferença enorme, um nível de exigência muito alto. Eu vi gente sendo reprovado na defesa com a família inteira presente, coisa que aqui não acontece por conta da nossa cultura. A defesa é um pouco para comprovar que você que fez o trabalho, então a pessoa começou a defender mal e foi piorando, então foi reprovado. Para vocês terem ideia o exame de qualificação no Canadá é sobre a Geografia e é composto de cinco questões, você escolhe duas e os professores escolhem três, e aí você tem que fazer um texto de 30 a 40 páginas sobre essas questões, depois o exame oral. A Geografia é essa coisa, não é restrita, é aberto demais, mas me saí bem. Na apresentação oral, que só foi para constar, dado a minha boa nota na parte escrita, senti outra diferença cultural, eu sou baixinho, não é? Os canadenses têm 1,90 m por aí, esses homens enormes na minha frente, assustavam. A gente tem que arranjar força e aprender a se impor, porque você não é nada quando chega lá no exterior, seu nome não significa nada, você é até suspeito por vir da América Latina. Quando você chega é uma luta, sabe? Agora também você trabalha, tem que dar contrapartida, passei quatro anos estudando, e foi aí que digo que me formei, porque aprendi a pesquisar. Nessa época já tinha computador, nos anos 80, não era esse tipo mais atual, era um terminal. Aí o professor dizia: “você não vai aprender computador? As secretárias sabem, todo mundo deve saber”. Então tomei coragem e aprendi isso, já fiz a tese eu mesmo digitando tudo. Está vendo? Tudo isso é Canadá.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Foi nesse momento da sua pós-graduação que passou a se enveredar pela Geografia Histórica?

**PEDRO VASCONCELOS:** Ah, sim, foi. Quando eu estava no Canadá a Geografia era mais quantitativa, o estilo norte-americano da época. Eles exigiram que eu fizesse a análise fatorial, exames de variáveis, então peguei o censo de 1980, nesse momento já tinha saído os resultados sobre a mão de obra, porque eu fiz uma pesquisa sobre o trabalho formal e informal sobre as nove

regiões metropolitanas, então eu ia na Embaixada e pegava tudo que era dado, minha mulher me ajudou muito na entrada dos dados, e quando eu fiz o cruzamento de dados percebi que os imigrantes daqui da Região Metropolitana tinham uma situação boa, e os de Pernambuco não. Aqui a questão do negro era diferente, então percebi que não dava para colocar o problema da Bahia como o do migrante, a exemplo de Recife que o pessoal vem do sertão e empobrece a cidade, aqui o problema vem da escravidão, então me interessei, mas o professor não queria que eu fizesse. Fiz um capítulo sobre a história, sobre a escravidão, sobre os dados que peguei porque a biblioteca de lá era uma maravilha, 800 mil exemplares, imagine! Tinha livros que ninguém tinha lido sobre o Brasil, em francês, em português, então eu fiz um capítulo que é a origem do interesse que eu tenho até hoje sobre a Geografia Histórica, porque achavam que eu devia responder as coisas com a situação atual, a situação dos dados explicava. Então fui ao censo e peguei as atividades, quem era empregado doméstico, quem tinham os trabalhos mais precários, artesanais... mas foi aí que começou. Veja que cada coisa tinha uma explicação, o urbanismo puxou para a Geografia Urbana que foi o Mestrado e dentro do Doutorado a questão histórica. Sem falar o que Salvador obriga, não é? E eu já estava em Salvador, então me aprofundei.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Já que nesse momento o senhor se envereda pela Geografia Histórica, como tentar conciliar os termos da Geografia como formação social, escala espacial, cidade, urbano com a análise histórica, o recorte temporal, a periodização?

**PEDRO VASCONCELOS:** É problemático mesmo porque a gente não tem formação de pesquisa em arquivo, leitura de documentos antigos. Então, a gente improvisa um pouco no trabalho, aprendendo, pesquisando, estudando. Eu comecei a fazer o elo com o seguinte, eu faria Geografia Histórica Urbana que já era uma maneira de amarrar com a Geografia Urbana, e fui mantendo Salvador. Então criei um método sozinho, precisava periodizar. Os historiadores só estudam um período, exemplo: século XVIII, pronto, eles são especialistas naquilo. A gente que não tem essas mesmas restrições, faz os trabalhos que os historiadores chamam de “longa duração”, mas é muito arriscado porque de 1500 para 2000 a diversidade é enorme, sem falar das questões espaciais. Então eu fiz uma periodização para Salvador e dentro de cada período, que vai corresponder a um capítulo, eu colocava inicialmente o contexto histórico, local, regional, internacional; depois os agentes que atuavam na cidade, externos e internos: a Igreja, o Estado, os movimentos sociais, dentre outros; e concluí com as transformações espaciais na cidade. Fica um pouco repetitivo, por

exemplo, a Coroa Portuguesa construiu tais fortes, a Igreja construiu tais conventos e depois eu digo aonde e explico que aquilo expandiu a cidade naquela direção. Fica muito pesado, porque são muitas fontes, mas é uma forma de tecelagem, e eu acho que consegui inventar um pouco, criar um método, porque alguns alunos já seguiram esse modelo. Mas tudo no campo metodológico, não teórico, a teoria a gente acompanha porquê de fato eu tinha que fazer Geografia usando os conceitos da Geografia no passado, Maurício Abreu que me deu essas dicas. Maurício Abreu era o contraponto meu no Rio de Janeiro e eu aqui em Salvador, a gente trocava figurinhas e quando eu fiz pós-doutorado em Paris, já nos anos 90, ele estava em Paris também, aí foi um momento de muita troca de figurinhas.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** No pós-doutorado o senhor continuou a questão da Geografia Histórica?

**PEDRO VASCONCELOS:** Não, é difícil fazer resumo de uma obra, foram 50 anos de Geografia com a graduação. Quando eu cheguei do doutorado, trabalhava ainda na CONDER, quando eu vim do Urbanismo eu consegui trabalhar na CONDER e fui de técnico até Diretor-superintendente ali em São Lazaro, mas aí eu fiz concurso para UFBA porque eu tinha doutorado. Sylvio Bandeira me avisou e em três meses eu fiz outra tese sobre transportes porque eu tinha material do Canadá e sobre Salvador, passei e entrei na universidade como professor Titular, o que é raríssimo, começar em fim de carreira. Milton Santos estava na minha banca. Larguei a CONDER e fiquei trabalhando sobre Salvador quando surgiu a possibilidade de ir para a França. Quando eu ainda estava na CONDER o pessoal de Arquitetura me chamou para dar aula, porque eu tinha título de doutor e na Arquitetura, na Universidade Federal, na época, era raro, os arquitetos quase não tinham doutorado, são todos profissionais, o pessoal tem escritório e, geralmente, não querem fazer carreira acadêmica. Então Sylvio, Christine [Silva] e eu dávamos apoio em Arquitetura, porque a Geografia ainda não tinha pós-graduação, então comecei a dar aula na pós-graduação de Arquitetura antes da Geografia, na disciplina *Teoria sobre a cidade* com Ana Fernandes, que era a nora de Milton Santos. Eu dava a Escola de Chicago, por exemplo, e ela os marxistas, a gente se dividia. Quando eu fui para Paris, em 94/95, resolvi estudar os originais, só gosto de trabalhar com originais, não gosto de leitura de segunda mão, então o pós-doutorado foi sobre essas teorias e o resultado foi aquele livro *Dois séculos de pensamento sobre a cidade*, é o resultado contemporâneo. Então é como se eu tivesse duas linhas, a linha de Geografia Urbana e a linha de Geografia Urbana

Histórica. Claro que essa teia alimenta a outra, como eu trabalhei com a Arquitetura, trabalhei também outros autores fora da Geografia. A professora Maria Adélia [de Souza] disse certa vez: “você é maluco! Todo mundo vai para pós-doutorado e ninguém traz nada, agora vai obrigar os outros a escrever um livro também!” (risos)

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** O senhor desenvolveu uma metodologia própria durante esse tempo, e a gente percebe um pouco na sua obra a influência metodológica de Braudel, como este autor o ajudou?

**PEDRO VASCONCELOS:** Braudel me ajudou na questão de justamente poder trabalhar com a longa duração, como disse, os historiadores trabalham com um século, um período, e eu trabalhando com longa duração, encontrei ele entre os historiadores, porque ele falava de diferentes temporalidades. Aí tem um tempo longo, que quase não tem mudanças, que é o tempo da Geografia para os historiadores, aí depois tem as conjunturas econômicas, depois tem os picadinhos que são os eventos, as batalhas, mas tem eventos importantes, a abolição da escravatura...de um dia para o outro não tem mais! Então essa ajuda a gente tem que ter em certos casos, acho que temos que extrapolar as fronteiras disciplinares porque a Geografia não responde por tudo, embora a Geografia permita a diversidade, não pode ficar no nível muito superficial, então como é Geografia Histórica, a gente vai na disciplina irmã, mas tem o perigo da gente virar historiador e não pode. Por isso que eu acho que a influência de Maurício Abreu foi importante, porque ele sempre alertava “use um conceito geográfico”, é espaço, território, lugar. Usar esses conceitos no tempo não há problema algum, são outros territórios. A partir daí você descobre que também a história é [mal] contada, por exemplo, a Arquidiocese de Salvador extrapolava o território brasileiro, ia até a África e isso não está nos livros de História do Brasil. O tribunal de Salvador extrapolava, se tivesse um crime na África era julgado em Salvador por causa dos transportes, era muito difícil levar alguém para Lisboa, então havia uma espécie de subadministração e isso é importantíssimo! Já a Amazônia era controlada por Lisboa, Moçambique era ligado a Goa, tudo isso por causa do transporte e da proximidade. Os historiadores não têm essa visão, porque não tem a espacialidade, mas a gente vê coisas que eles não veem, e colocamos no espaço. Eles não sabem ler um mapa e nós percebemos determinados elos. Essa é uma contribuição diferente da Geografia Histórica.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Tentar captar esses nuances espaciais, entendo. Professor, por que trabalhar com Braudel em detrimento de outros autores?

**PEDRO VASCONCELOS:** Não é em detrimento, a gente adiciona. E também tem correntes diferentes, ali foi uma época que a história, a linha dos *Annales*, dominava a visão de totalidade, visão de mundo, a economia era muito importante, depois a história foi mudando para micro-história, para casos individuais, hoje em dia se estuda a história de uma pessoa. Mas para mim Braudel ajudava nessa escala, escala mundial, ele fala de relações internacionais, longínquas. Assim como Milton Santos faz com o espaço, ele faz também com o tempo. Ele criou a geohistória, ou seja, era um historiador muito vinculado ao espaço. Mas não é em detrimento de outro autor e nem da Geografia, a gente adiciona. Temos que tomar cuidado para não virar eclético, mas a gente tem que dizer quem nos ajudou, auxiliou. A gente não vai reinventar, mas você pode também superar, encontrar fragilidades. Corresponde a épocas diferentes, tempos diferentes, lugares diferentes. Hoje se fala muito de onde o autor fala, por exemplo, o pessoal fica citando Lefebvre, ele não falava para o brasileiro, ele falava para o francês dos anos 70. Temos que ter cuidado de transpor no período que o capitalismo era de uma maneira, então esse cuidado é importante.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Professor, como o senhor vê a produção da Geografia Histórica, da Geografia Urbana e se possível da História do Pensamento Geográfico no Brasil e no exterior, os problemas e as perspectivas?

**PEDRO VASCONCELOS:** A Geografia Histórica ela é minoritária, é um campo pequeno, sobretudo no Brasil, e ela é muito forte, sobretudo, na Inglaterra, então a gente tem uma produção em inglês muito importante, mas eles são muito ligados a morfologia urbana, e eu gosto mais das questões sociais, assim, me apoio mais nos franceses porque são linhas diferentes. Em outro sentido, a Geografia Histórica brasileira é pequena, porém tem uma pessoa de qualidade como Mauricio Abreu, que escreveu um livro com 900 páginas... ele fez uma pesquisa gigantesca de arquivo. Para você ter uma ideia, tem um congresso agora de História do Pensamento da Cidade, junto com Geografia Histórica, digamos que é o sétimo e o segundo, sabe? E em Belo Horizonte no ano passado [dezembro de 1916] eles me chamaram para fazer a conferência de abertura, onde escrevi um texto e publiquei fazendo a comparação dos grandes pensadores da Geografia, de como

eles tratavam a questão temporal. Está na Revista *Geografar*, começo com Kant, Humboldt, e por aí vai.

### **REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: E a Geografia Urbana?**

**PEDRO VASCONCELOS:** É outro oposto, saímos do pequeninho para o gigantesco, o próprio Simpósio de Geografia Urbana (SIMPURB) de 2017 mostrou isso. Mostrou também que a Geografia brasileira é gigantesca, como ela é ensinada no secundário, a massa de professores é gigantesca, acho que é uma das maiores Geografias do mundo. Quando acontecem os congressos, reúnem 4.000 ou 6.000 pessoas. Nos Estados Unidos muitas universidades não têm Geografia, porque o ensino secundário nos EUA não tem Geografia e nem História. Lá é sempre Literatura, Biologia, Ciências e eles são muito ignorantes sobre o espaço, os canadenses também. Já na Europa isso é bem diferente, quando eu estava fazendo pós-doutorado, minha filha estudou no Liceu, eles estudavam até esses países do Leste, essas novas repúblicas, tem muita informação. Então, a Geografia Urbana é gigantesca, mas também muito dispersa, cada mesa do simpósio demonstrava isso, é Urbana, mas também é Geografia Política, é urbana que trata de conceitos, é urbana que trata de movimentos sociais, cabe tudo na urbana também, não é? Esse é um dos defeitos e uma das qualidades da Geografia, essa diversidade. Eles tinham uma mesa apenas sobre favela, então tudo é Geografia, tudo é urbano. E a gente tem outro que é a Geografia Agrária, que também é gigantesca, enfim. Imagine a dificuldade de acompanhar a leitura dos colegas, acompanhar artigo, livro. Digo sempre a Marcelo [Lopes] de Souza “para de escrever Marcelo, eu não vou dar conta!” (risos). Temos que ler os trabalhos dos orientandos, o que é prioridade visto que eles têm prazo, temos que preparar aula, e a nossa pesquisa sempre fica para o final. E como é que acompanho o trabalho dos colegas nacionais e internacionais? Dar parecer em artigo de revista, dar parecer em revista de Portugal, da Espanha, CAPES, CNPq, é uma maluquice! Você termina lendo as coisas dos outros e não o que você gostaria. Minhas leituras costumam ir até à noite, agora mesmo estou lendo o livro de Paulo César da Costa Gomes, “Quadros geográficos”. Você vai para um evento desse e descobre quatro ou cinco livros que gostaria de ler.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Temos até uma pergunta referente à essa questão. Como o senhor consegue conciliar o seu tempo entre dar aula, orientar, ler, publicar?

**PEDRO VASCONCELOS:** Estou tentando diminuir. O professor Sylvio [Bandeira] faleceu, tomei um susto! Adoeci dois meses, tossindo, dormindo sentado. Sylvio [Bandeira] faleceu, e tinha um perfil muito parecido com o meu... Depois que arredondei 70 anos, percebi que precisava diminuir. Aqui na Universidade Católica do Salvador reduzi de 40 para 20 horas, na Geografia eu reduzi ainda mais, tentei sair do Colegiado... Uma das tentativas que eu fiz foi tentar ler dez livros por dia, quer dizer, não são livros inteiros, são pedacinhos. Vou fazendo assim e procuro ler literatura, essas coisas, para a cabeça não ficar só na Geografia, mas não dou conta não, sabe? Eu recebi agora uma tese de doutorado para qualificação em janeiro com 350 páginas, e em janeiro vai ter outra e os temas são diferentes. Eu ficava até com inveja de Maurício Abreu, porque se você dá aula de Geografia Urbana, faz pesquisa em Geografia Urbana, orienta aluno em Geografia Urbana, você está no paraíso! Fico com inveja. Aqui, como é pluridisciplinar, tem de urbana a cinema, passando pelo imobiliário. É uma loucura! A gente não entende tudo. Eu tenho orientando sobre segurança, sobre a questão da violência, da criminalidade, o que é que eu entendo disso? Eu viro quase revisor de texto, mas aqui a gente é obrigado, ou então eu me aposento de vez, e é algo que eu não quero, porque a cabeça não envelhece. Nas outras áreas, podemos perder a velocidade técnica, mas na questão de cultura geral, isso é um acúmulo, não se perde, e os novos não têm o mesmo acúmulo, então tem que fazer uma rodagem, essa cultura toda inútil que tenho se eu morrer no avião não é transferível, se eu não escrever, não fica, nem para meu filho eu posso passar, é uma coisa maluca. Tudo que eu acumulei, por exemplo, se eu vejo conflitos que passam na televisão, localizo no espaço e no tempo, mas imagino que a maior parte da população não consegue fazer isso. De tão chato que estou, fico corrigindo as pessoas, corrigindo jornal (risos). E a gente fica com a mania por conta das teses e dissertações que corrigimos. Vi uma apresentação de uma professora de História, ela deu alguns enganos, disse “a cidade de São Salvador” e não é, é cidade de Salvador, São Salvador é a arquidiocese. A gente vê até na televisão “SSA”, você estuda tanto que chega um ponto que você fica chato. Quer ver outra uma expressão? “Portugal fez isso, fez aquilo”. Portugal não é agente, quem fez foi a Coroa Portuguesa, mas na linguagem falada você não pode chegar nesse nível de exigência, já na escrita do doutorado tem que ter. A Geografia e a História são narrativas e podem virar uma linguagem jornalística, se não houver um rigor conceitual. Recentemente fiz um texto sobre Milton Santos para publicação na Inglaterra e o tradutor queria mudar os conceitos, mas informei que não poderia mudar, “mundialização é mundialização, globalização é globalização”, não pode trocar. Espaço é espaço e lugar é lugar. As vezes eles não querem repetir, mas conceito não pode ser trocado, esse cuidado que precisamos ter.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Relembrando, como o senhor enxerga a produção da História do Pensamento Geográfico no Brasil e no exterior?

**PEDRO VASCONCELOS:** Esse é outro campo inclusive, tem o pessoal da comissão da UGI, eu conheço o Berdoulay, que é o presidente dessa comissão, ele era professor no Canadá, quando eu estava lá, ele é francês. Não é uma área que eu acompanho, mas é uma área onde o pessoal é muito qualificado. Em Belo Horizonte eu assisti os colegas, tem a Revista *Terra Brasilis* e a rede internacional. Eu já participei de alguns eventos também, eles são muito bons. E de novo, aí você abre para várias línguas, mas o pessoal de língua francesa ainda é forte. Já a UGI e Urbana teve aqui, eles estiveram aqui num evento, o inglês agora é dominante. Não se fala nem mais francês, porquê tem russos, chineses, japoneses, pessoas de vários países, então a língua francesa foi jogada quase no lixo. Faz pena porque tem suas sutilezas, entende? Um vem do latim e o outro vem da língua germânica, então é muito rico, mas não tem as nuances porque o inglês é objetivo, já a realidade brasileira é cheia de nuances, no Brasil tudo pode acontecer. Os canadenses não entendiam o fato da pessoa ter um emprego regular durante o dia e a noite realizar outras atividades, se virar diante dos salários baixos. Eles não entendiam como pode a pessoa ser um policial durante o dia e a noite se virar em outra coisa para complementar a renda. Então eles perguntavam: “você não tem objeto não é Pedro?” Percebi que precisava deixar esses casos porque eles não entendem, são tão regulares que não entendem nossos conceitos, nossa diversidade. Mas aproveito para fazer o contrário, discuto se os conceitos de lá servem aqui. O conceito de segregação, por exemplo. Se Salvador é uma cidade segregada basta atravessar a Federação de um lado a outro, cadê a segregação? Enfim, é uma outra discussão.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Quais são os problemas teórico-metodológicos na área da Geografia Urbana e da Geografia Histórica que se colocam para esse século?

**PEDRO VASCONCELOS:** Eu acho que os problemas são difíceis porque a Geografia feita de forma séria é difícil. Não é aquela Geografia antiga de saber nome de rios e de capitais, que inclusive é desconsiderada porque boa parte ensinada no secundário ou é um marxismo adaptado para dar aula de Geografia ou um empobrecimento total, e o jovem não gosta de Geografia, acham que eles são obrigados, não gostam e daí chegam à Universidade... A Geografia é difícil, porque os

conceitos são quase de filosofia espacial, então é muito difícil. E ainda, nós, geógrafos, temos que articular tempo, espaço, sociedade, território, enfim, é de uma dificuldade muito grande. Nesse sentido, eu acho que facilita trabalhar com conceitos porque não tem uma teoria geral do espaço, veja que Milton Santos articulou, mas não chega a ser uma teoria em que cabe tudo, acho que talvez seja quase impossível. A gente tem teorias particulares, pequenas teorias, teoria de lugar central... Mas não fecha a nossa disciplina, é muito complexa. Temos também o problema da identidade, de forma que em certos momentos em que estamos estudando acabamos flertando com a Sociologia quando lemos tanto Lefebvre, isso se nota também quando se discute tanto o cotidiano, cotidiano é geográfico? Cotidiano é temporal, mas já virou quase sinônimo de lugar. Eu acho! Escrevi um artigo na revista *Cidades* sobre isso, que tem que ter rigor, o próprio Marcelo Lopes [de Souza], que é bem mais novo, também fala isso, a gente tem que ter rigor para a nossa fala ter sentido, mas é claro que tem também autores que foram na frente, que nos ajudam muito, mesmo sendo considerados antigos. Você vai até Ratzel, vê conceito de sítio, situação... Tudo isso tem sentido até hoje, e colegas nossos que são ligados ao pensamento da cidade, como Paulo Cesar [da Costa Gomes], diz que a Geografia, não a Geografia em si, é uma forma de raciocinar espacialmente, outra maneira de se ver o mundo. E isso aí realmente eu acho porque, por exemplo, a gente se situa nas cidades, se localiza, temos ideia das coisas até numa cidade em que nunca fomos, ainda assim é possível se localizar, e a gente se situa no mundo. Dá para entender porque as coisas acontecem, porque estão acontecendo... E mesmo no cotidiano, mas a gente tem que trabalhar. E aí vai desde, por exemplo, Paulo [César da Costa] Gomes trabalha desde como a sociedade se organiza no território, como numa praia, chegando nesse nível de detalhes. A discussão do espaço público também é muita rica... A contribuição que vocês estão dando de levantar junto com [o professor] André [Nunes de Sousa] os autores da Geografia é fundamental, para que possamos ver o esforço que eles fizeram antes, e estão hoje esquecidos ou jogados fora, ou ninguém lê, é livro velho... Agora, tudo está no trabalho, requer tempo de pesquisa, mas vale a pena!

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Professor, o que estaria em uma agenda de estudos e pesquisas dentro de uma Geografia Histórico-Urbana, que ainda não foi feito?

**PEDRO VASCONCELOS:** Acho que primeiro não tem uma agenda clara, são mais pessoas que se dedicam, apenas que se interessam, tivemos uma grande perda com a morte de Mauricio Abreu, mas acho que se parte muito do local, vai se estudar Fortaleza, vai se estudar Vitória, vai se estudar

Salvador, sabe? E cada local pede suas especificidades em tentar explicar. Imagine, eu vim de Pernambuco, e eu vejo as diferenças de Salvador, isso pra mim foi uma questão, “Porque que deu diferente?” Duas sociedades escravocratas, duas sociedades de cana-de-açúcar, duas sociedades que e de casa grande e senzala e que e são diferentes, em 800 Km, são diferentes. A ideia que me dá é que são “proporções químicas”. Aqui, talvez, há uma influência africana maior, lá uma influência portuguesa maior. São pequenos detalhes que levaram a diferentes culturas, porque senão estaria tudo explicado no marxismo econômico. Mas dá diferente, e aí a Geografia está mostrando a diferença de espaços diferentes, e nesse ponto não partimos do lugar para explicar o geral, mas a partir do lugar algumas questões têm sentidos gerais, por exemplo, a temática da escravidão que é muito forte aqui, mas ela serve para todo o Brasil, mesmo que em intensidades diferente, em Santa Catarina não foi a mesma coisa. A chegada dos imigrantes europeus depois, e mesmo antes, açorianos e tudo, vai dar um tom diferenciado, enquanto que aqui na Bahia já é outra situação, Pernambuco é outra, Maranhão é outra. A localização é importante. Mas a gente não tem grupo grande de Geografia Histórica, ainda mais Geografia Histórica Urbana, porque poderia a ter Geografia Histórica Agrária, Geografia Histórica Regional. É um ramo da Geografia, uma subdisciplina que não tem escala definida, você pode fazer... Eu mandei buscar ontem um livro de Cristian Grataloup, ela vai falar dos chineses chegando na África, da descoberta do mundo, “como seria a América se os chineses chegassem antes?” Ele mostra que as caravelas eram pequenininhas e os juncos chineses eram gigantescos. Chegaram a levar presentes da África como girafas, rinocerontes, tudo para a China. Imaginem, se chegassem na América seria outra combinação? Outra combinação! Os chineses com os autóctones, indígenas, e deu no que deu. Tá vendo, a Geografia Histórica está em aberto, não é? Nada impede de você estudar o passado brasileiro, o passado antes dos portugueses, depende do interesse, agora, tem que ter o cuidado para não virar Antropologia, Sociologia, tem que ter um cuidado...

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Então o senhor partiu das variabilidades locais? E as questões de pesquisa foram se apresentado a partir dessas diferenças?

**PEDRO VASCONCELOS:** Porque de fato, o meu tema de pesquisa era Salvador. Não dá para estudar Salvador sozinha. Eu escrevi outro artigo, está naquela revista GOT em Portugal, que foi uma conferência que eu dei em Santiago de Compostela falando quando o Brasil se inseriu no império colonial português, que ninguém estuda, porque o livro de História não mostra isso, o livro

de História foi feito no século XIX, estou falando na história oficial, que mostra que o Brasil já estava definido pra ser o Brasil. Não é verdade! Nós éramos uma parte sem importância do Império Português, depois ganhamos importância. Justamente daí comparo quando Goa se tornou parte, quando é que foi o primeiro bispado, quando é aqui se teve vice-rei... Isso não é estudado, a gente não tem um capítulo de Brasil dentro da história do Império colonial português, ou América colonial portuguesa, não tem! Porque não estudar isso? Não falta assunto. Agora, tudo isso é cansativo, tem que ler muito, estudar muito, estudar os clássicos, mas ao mesmo tempo você também pode colocar os clássicos em questão. Uma coisa que estou levantando na pesquisa atual é que, por exemplo, os traficantes de escravos têm um papel na economia maior do que se imagina, repare, descobriram ouro em Minas Gerais, aí você estuda que vai tudo para o Rio de Janeiro, é oficial não é?! O ouro desce do Rio para ir para Portugal e para os outros lugares e, sobretudo, o que Minas Gerais precisava, só que a Bahia fornecia escravos para Minas Gerais, e a peso de ouro, uma mulata custava uma garrafa de ouro em pó, se pensa que escravo é preço de banana, não é? E esse dinheiro ficava aonde? Na Bahia! Um autor da História, Pedro Calmon, disse que um navio com 200 escravos dava para comprar cinco engenhos, não é outra visão? Isso mostra o dinheiro acumulado. Com isso dá para explicar um pouco porque na época de crise da cana-de-açúcar, as igrejas aqui estavam cada vez mais opulentas, os prédios opulentos. Então, esse ciclo econômico explica o geral, mas às vezes a partir do particular, você pode, pelo menos, levantar hipóteses.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Com certeza. Agora, dos colegas, quais conseguiram influenciar de forma mais marcante a sua trajetória?

**PEDRO VASCONCELOS:** Dos meus colegas, os vivos ou os mortos?

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Fique à vontade!

**PEDRO VASCONCELOS:** Da temática foi Maurício Abreu, quer dizer, ele foi paralelo comigo. Ele estudando o Rio, eu estudando Salvador, tá certo? Talvez ele tenha começado um pouquinho antes, ele me deu o livro dele em 1987, sobre a evolução urbana do Rio no século XIX, e eu já estava começando, justamente em 1982, minha tese de doutorado na qual escrevi um capítulo com a temática, então, foi em paralelo. Mas se eu for mais longe, vai desde Manuel Correia de Andrade, os livros clássicos da Geografia e que eu estudei e não pode deixar de passar por Milton Santos,

enfim. E tem outra coisa, eu participo do grupo de estudos urbanos que é composto por Ana Fani [Alessandri Carlos], Jean Bitoun, Marcelo Lopes de Souza, Roberto Lobato, Silvana Pintaudi, Maria da Encarnação Sposito, eu e Mauricio Abreu que faleceu. Então desses colegas, a gente lê muito as coisas, quer dizer, a gente se lê e outra coisa a gente se organiza para escrever um livro, nós fazemos reuniões, saíram já dois livros, um sobre segregação, e a gente debatia, não é comum fazer isso, tá certo? O livro só sai depois dessa discussão. E cada um tem um ponto de vista diferente, é legal não é? E a gente também mantém aquela revista *Cidades* que agora só está em virtual. Então, esses colegas, por exemplo, escrevi um artigo agora sobre Milton Santos, esse que eu falei, o Paulo [Cesár da Costa] Gomes veio à Salvador no SIMPURB e pediu que mandasse uma cópia para ele. Eu mandei. E ele já escreveu elogiando, tá certo? Então, eu digo, “Paulo eu estou lendo seu livro sobre os quadros e eu vi que você fala de Kant”, mas eu escrevi um artigo sobre o tema... É essa troca de figurinhas, que num certo sentido eu gostaria que o Brasil fosse menor para ter mais proximidade, porque eu tenho mais amigos no entorno do que aqui. Primeiro, pela escala não é? Por exemplo, Marcelo Lopes de Souza me chamou uma época para eu ser professor lá no Rio de Janeiro: “Por que o senhor não se transfere pro Rio?” “Porque eu estudo Salvador, não dá pra carregar Salvador” (risos). Agora você veja também seria legal, se eu fosse para o Rio, mas eu migrei de Pernambuco pra cá, já está bom uma migração (risos), duas é demais.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Professor, e para aqueles que querem entrar nesse subcampo da Geografia Histórica Urbana, qual seria o conselho que poderia dar?

**PEDRO VASCONCELOS:** Primeiro conselho é ter que gostar. Se não gostar do que faz... Não sou eu que devo dizer qual o tema que você deve fazer, se você gosta, você vai, não precisa nem alguém lhe empurrando. Eu acho que é isso que eu tenho, eu tenho um motor de curiosidade que todo dia eu quero aprender alguma coisa, e todo dia aprendo alguma coisa. Acho que a gente tem que ter a modéstia que o conhecimento não termina nunca, e hoje, ao contrário, você é afogado de dados. Eu vi uma entrevista recentemente no [programa televisivo] *Manhattan Connection* que você tem dados demais, vira informações, mas você tem que transformar em conhecimento, se não, não adianta, você fica bombardeado de dados e pode até lhe prejudicar, informação demais. Se você não consegue encaixar, por isso que achei que esse método que eu criei dá pra encaixar as coisas, mas dá certinho, só o que não encaixou bem, é que no final dos agentes eu trato da sociedade, falei dos agentes sociais como agente. Invasão de terreno fazem metade das cidades, mas a sociedade

contem tantas coisas interessantes, por exemplo, as mulheres sentadas no chão das igrejas, comiam com as mãos, não comiam com talheres, é rico. Esse tipo de coisa não vou perder, e aí no final dos agentes eu comentava a sociedade. Porque esses autores como os viajantes, os contemporâneos, os documentos, a legislação e tudo mostra que as informações que você vai perder. Até os escravos falam! Imagina que tudo vem na cabeça da gente dividido, é como se eles não existissem, você encontra depoimento dos escravos na Inquisição, como é que eles não eram cidadãos? Não tinham, ele, o escravo, em juízo não podia testemunhar. Tá certo? Ele não era cidadão completo, mas na Inquisição valia, chegava lá e denunciava todos os crimes que estavam ocorrendo, não é engraçado? Essas pequenas questões podem mudar, e ao mesmo tempo informa que aquela coisa bonita que Maurício de Abreu lembra a partir de Lowenthal, o passado é um país estrangeiro e que você não consegue ir lá, não é bonito? Você pode querer conhecer a Turquia no sonho, qualquer lugar do mundo, mas você não pode ir para a Turquia do século XIX. Então, a gente tenta reconstruir, aí é um esforço enorme, e tem que exigir muita leitura e uma espécie de enquadramento no sentido de situar as coisas, se não você vai fazer gafe. Se não souber que aquilo é consequência de outra coisa que tem tudo a ver... Por exemplo, a crise de 1929 na economia da bolsa de Nova York, faz a crise do café aqui no Brasil, o Regime da República Velha vai embora e entra Getúlio Vargas com o urbano industrial, legislação trabalhista, nacionalismo, Petrobras etc. Não é outro mundo? Vem tudo de um evento, mas tem que ter noção da conjuntura, e isso Braudel ajuda entender. Mas isso é uma coisinha, imagine abolição e por aí vai, ou então eventos pequenos mas que foram graves, como a invasão holandesa. Enfim requer estudo (risos), eu quase desaconselho, não entre que é fria (risos), mas quem é estudioso que gosta, vale a pena porque também estimula. Sabe, para você descobrir alguma coisa tem que ter uma paciência beneditina, porque às vezes você lê um livro de 500 páginas e encontra três parágrafos que lhe interessam.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA** : É um trabalho minucioso.

**PEDRO VASCONCELOS**: Que a maior parte é formulado assim: “fulano está pedindo para voltar para Portugal porque é muito velho ou então está pedindo aumento de salário”, então você começa por fulano e pode descobrir, de repente, alguma coisa que interessa. Como exemplo, posso citar o governador da Bahia que mandou fazer um forte na África, e não o rei, não é muita autonomia? Dá para, primeiro, notar a força na ligação África-Bahia, e em segundo, uma certa autonomia em frente à coroa portuguesa ou aos seus superiores, ou mesmo ao rei. Você pode também ir para outro

extremo, o escravo escreve ao rei dizendo que a proprietária não o quer liberar, o escravo certamente com um advogado, o procurador da época, e aí você vê justamente com o oposto na falta de hierarquia. Lá vai ele escrever direto para o rei. As pessoas sabem disso?... E o rei responde! Vai para o Conselho Ultramarino, sabe? Eu acho que tem que desmistificar essa coisa de país explorado, de colônia de exploração, que a gente deixa de aprender porque acha que já tem tudo respondido. Como é que aqui fazia fragata, navios com 80 canhões, como isso por caracterizar é colônia de exploração? De qualquer maneira estava servindo a colônia portuguesa, mas era feito aqui, não é? Podem ter vindo técnicos de Portugal, mas ensinaram o pessoal daqui a fazer, mas não tá na história isso, tá certo? Então, a gente vai aprendendo pelo picadinho. Agora tem que saber onde colocar essas coisas. Que isso fica pode ser também uma historinha de contar. Como é que isso se insere se é menos importante, se é mais importante, como é que se encaixa. Enfim, é uma trabalhadeira, mas vale a pena.

**REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:** Professor, agradecemos muito a sua entrevista, muito obrigada!